

EDITORIAL

Constitui destaque singular nesta edição o artigo convidado “Nuanças e estratégias que circundam o conhecimento tácito”, elaborado pelas pesquisadoras Joana Coeli Ribeiro Garcia, Doutora em Ciência da Informação e Professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), e Edilene Maria Silva, Doutoranda em Ciência da Informação na UFPB e Professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Com base nos estudos de Polanyi, as autoras indagam se é possível gerenciar conhecimento. E, por meio de revisão de literatura selecionada nas áreas de Administração e Ciência da Informação, identificaram posicionamentos divergentes acerca da gestão e da criação de conhecimento. Elas concluem que as abordagens e metodologias apresentadas na literatura dizem respeito à criação de conhecimento e não à gestão do conhecimento, como algumas vezes são denominadas.

Considerando a importância a respeito do tema, neste editorial, apresentamos inicialmente uma breve revisão sobre as abordagens que tratam da origem e da constituição do conhecimento científico, desenvolvidas no campo da filosofia. Em seguida, as reflexões são direcionadas aos conceitos de conhecimento explícito, científico ou não, e de conhecimento tácito, criado pela experiência e pela ação.

Partindo da relação que se estabelece entre sujeito e objeto na criação do conhecimento científico, duas abordagens dicotômicas consagraram-se nos debates a propósito do tema.

A abordagem racionalista, cujos principais defensores são Platão e Descartes, coloca a primazia do sujeito sobre o objeto na origem do conhecimento, afirmando que o conhecimento é criado por meio de um processo puramente mental. Somente o mundo das ideias (episteme) é considerado perfeito. Segundo tal visão, existe um conhecimento a priori que não precisa ser justificado pela experiência sensorial.

Outra abordagem, empirista, coloca a supremacia do objeto sobre o sujeito, ou seja, o conhecimento é criado quando as coisas são apreendidas pelos sentidos e posteriormente registradas pelo intelecto. Nesse caso, considera-se que o contato com o mundo sensível é que permite elaborar conceitos. Os principais precursores da referida abordagem, que tem como representante, digamos assim, mais expressivo, John Locke, afirmam que apenas as experiências podem propiciar ideias à mente.

Uma terceira abordagem, que procura fugir da dicotomia entre racionalismo e empirismo, conhecida como filosofia de Kant sobre o esclarecimento, apresenta um meio termo, redistribuindo as funções do conhecimento tanto para o sujeito quanto para o objeto. Kant concordou que a experiência é a base do conhecimento, mas não aceitou o argumento de que a experiência seria a única fonte de todo o conhecimento. De acordo com ele, conhecimento só existe quando o pensamento e a ação trabalham juntos. Isso significa dizer que o conhecimento não é inato nem decorre exclusivamente da experiência. Nessa perspectiva, para que exista conhecimento válido, os conceitos, os modelos teóricos e os princípios universais devem ser utilizados como ferramentas para a compreensão dos fenômenos.

Embora existam várias outras abordagens, cabe aqui, por último, destacar a visão marxista, que considera ser impossível compreender o mundo desvinculado da história. Ela entende que o homem é capaz de transformar a natureza e torná-la social.

A supremacia da ação na construção do conhecimento é retomada por Polanyi, que identifica um tipo específico de conhecimento – denominado conhecimento tácito – criado enquanto as pessoas (os sujeitos) se envolvem intrinsecamente com os objetos, em um processo dinâmico e interativo, como um artesão, por exemplo. O artesão pode desenvolver habilidades depois de anos de experiência, mas ser incapaz de articular os princípios técnicos ou científicos subjacentes ao que sabe. Para ele, grande parte do nosso conhecimento é criada por meio de nosso esforço voluntário em lidar com o mundo, solucionando problemas do dia a dia.

Partindo da abordagem de Polanyi, Nonaka e Takeuchi formularam um modelo teórico para explicar a criação do conhecimento organizacional, baseado na distinção e na relação entre o conhecimento tácito e o explícito.

A criação do conhecimento organizacional é, assim, a capacidade de uma empresa de criar novo conhecimento, difundindo-lo na organização e incorporá-lo a produtos, serviços e sistemas, mediante um processo de conversão entre o conhecimento tácito e o conhecimento científico. Certamente, Nonaka e Takeuchi não estão referindo-se à gestão do conhecimento, mas à criação do conhecimento organizacional.

Por tudo isso, convidamos o leitor a navegar no universo do conhecimento, iniciando com a leitura do artigo publicado na revista Navus, a convite da equipe editorial e, ainda, considerar como fundamentais os demais artigos desta edição. Trouxemos um número com uma variedade de temas: indicadores de sustentabilidade, marketing digital e de relacionamento, bilhetagem eletrônica, inovação aberta em serviços, perfil da pesquisa acadêmica, gestão do conhecimento em empresa tecnológica e empresa de equipamentos elétricos, empresa familiar e consumidor de livros no varejo on-line.

Boa leitura.

Nadi Helena Presser e Eli Lopes da Silva
(editores)